

Brazil

6X

7/30/76

Arena somada

Sem entrada de acesso, sem água encanada, sem calçamento nas ruas e tendo como único meio de comunicação o telégrafo nacional, o município de Landri Sales, 4 000 habitantes, no Piauí, tem um privilégio: é o único do país onde o destino político já está definido até para as eleições municipais de 1980. Graças a um acordo assinado pelo prefeito Alcino Pereira de Sá, seu vice, cinco vereadores e mais 26 chefes políticos das Arena 1 e 2 da cidade, devidamente registrado em cartório, o candidato a prefeito nas próximas eleições de novembro será indicado pela Arena-2 (que terá também três vereadores) e o vice pela Arena-1 (e mais quatro vereadores). Em 1980, o critério será invertido. O prefeito Sá, 31 anos, autor da idéia, foi localizado em Teresina, na semana passada, palitando os dentes, depois de comer um prato cheio de "Maria Isabel" (arroz com picadinho de carne), e explicou: "O governador Dirceu Mendes Arcoverde pediu o empenho de todos os arenistas para o maior fortalecimento do partido".

Quanto aos 1 537 eleitores de Landri Sales — a 450 quilômetros de Teresina —, estão divididos. Os moradores da zona rural, por exemplo, acham que o acordo, acabará com uma das tradições do município: o pagamento das despesas de casamento e do registro do nascimento de crianças. Nos três meses que antecedem a cada pleito, uma média de sessenta casamentos — a 120 cruzeiros cada — é paga pelos candidatos à Prefeitura e muitos pais chegam a esperar quatro anos e a campanha eleitoral seguinte para que estes mesmos candidatos custeiem os registros dos seus filhos. "Sem disputa eleitoral", afirma o prefeito Sá, "o candidato único evitará essas despesas." Ele sabe o que diz: para eleger-se em 1972, Sá gastou cerca de 200 000 cruzeiros, parte deles pagos ao sanfoneiro Osmar Paraibano, que tocou xotes e baiões durante trinta noites seguidas para os eleitores — outra tradição liquidada agora pelo acordo das duas Arena.

Arena dividida

Por 7 votos a 4, a Câmara Municipal de São José do Rio Pardo (32 000 habitantes, a 280 quilômetros de São Paulo), inteiramente arenista, rejeitou o requerimento do vereador Orlando Catalano propondo o título de cidadão rio-pardense ao governador Paulo Egydio Martins. Irritado, o autor do requerimento prometia na semana passada comunicar ao governador os nomes dos que votaram contra. E ameaçava para breve um novo requerimento propondo outro título de cidadão rio-pardense. Desta vez, ao presidente da República.



Tourinho, Bethlem e Fonseca: três estilos diferentes no mesmo posto

MILITARES

Novas promoções

Como manda a tradição militar, o rigoroso sigilo em torno dos nomes dos escolhidos só foi quebrado pelo próprio decreto de promoção. Desta vez, porém, praticamente não houve surpresas na relação de dezenove oficiais do Exército, doze da Aeronáutica e dez da Marinha promovidos por decreto assinado pelo presidente Ernesto Geisel e divulgado na quarta-feira da semana passada. As três vagas para general-de-exército, por exemplo, foram preenchidas pelos generais-de-divisão Ayrton Pereira Tourinho, Ariel Pacca da Fonseca e Fernando Belfort Bethlem — justamente os oficiais que encabeçavam a lista do Almanaque do Exército.

Ainda no Exército, oito generais-de-brigada foram promovidos a general-de-divisão e onze coronéis ascenderam ao posto de general-de-brigada. Na Marinha, passaram a vice-almirante os contra-almirantes Fernando Carvalho Chagas, comandante naval de Brasília, Ibsen de Gusmão Câmara, diretor da Escola de Guerra Naval, e Mário de Almeida Telles; e sete capitães-de-mar-e-guerra foram promovidos a contra-almirante. Na Aeronáutica, finalmente, dois majores-brigadeiros subiram ao posto de tenente-brigadeiro, quatro brigadeiros passaram a major-brigadeiro e seis coronéis a brigadeiro.

Estilos próprios — Coincidentemente, a trajetória dos três novos generais-de-exército inclui amistosos convívios profissionais com o presidente Geisel. Tourinho, por exemplo, foi designado em 1961 para chefiar o escalão avançado do ministro Odillo Denys em Brasília, onde Geisel já ocupava o comando militar do Planalto.

Fonseca, por sua vez, coordenou a secretaria do Conselho de Segurança Nacional em 1964, quando Geisel era chefe do Gabinete Militar do presidente Castello Branco. E Bethlem chefiou o

gabinete do falecido general Vicente de Paulo Dale Coutinho, ex-ministro do Exército de Geisel. Os perfis dos três escolhidos, todavia, raramente registram características comuns.

Ao longo da sua carreira, o paranaense Tourinho, 61 anos, da Arma de Engenharia, atual chefe interino do Departamento Geral do Pessoal do Exército, consolidou sua reputação de homem extremamente discreto. Essa qualidade foi posta à prova em 1971, no episódio do afastamento do governador Haroldo Leon Peres, quando Tourinho comandava a 5.ª Região Militar, sediada em Curitiba. Enquanto mantinha as guarnições militares distantes do centro da crise, Tourinho dirigiu as sigilosas negociações com o falecido vice-governador Pedro Viriato Parigot de Souza, que em seguida assumiria o governo do Paraná.

Já o carioca Bethlem, 61 anos, da Arma de Cavalaria, atual comandante militar da Amazônia, é apresentado por velhos companheiros de farda como "um militar extrovertido, esportista e apaixonado pelo estudo de problemas relacionados com motomecanização e material bélico". Essa paixão nasceu durante a II Guerra Mundial, quando o então capitão Bethlem serviu como oficial de ligação entre a Força Expedicionária Brasileira e a Divisão Blindada americana, no vale do Pó.

Finalmente, o gaúcho Fonseca, 60 anos, da Arma de Artilharia, atual comandante da 2.ª Região Militar, em São Paulo, é visto como homem essencialmente "informal e aberto ao diálogo". Durante sua permanência em Juiz de Fora (MG), onde comandou a 4.ª Região Militar, Fonseca costumava dirigir seu próprio automóvel, à paisana e sem guarda pessoal. E sua disposição ao diálogo foi reafirmada em novembro passado, ao discursar no encerramento de um simpósio promovido pelo II Exército. "As Forças Armadas e o governo necessitam de assessores que discordem ao invés de sempre dizerem amém", afirmou Fonseca. E concluiu: "As oposições existem e são necessárias".